

RESENHA

CIBERESPAÇO E FORMAÇÕES ABERTAS: rumo a novas práticas educacionais?¹

MARISTELA VANZUITA MACHADO ²

¹ ALAVA, S. et al.
**Ciberespaço e formações
abertas: rumo a novas
práticas educacionais?**
Porto Alegre: Artmed,
2002.

² Pedagoga, Aluna do
Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* -
Mestrado em Educação da
Universidade do Vale do
Itajaí. E-mail:
mvanzuita@bol.com.br

³ Professor conferencista
na Université Toulouse le
Mirail, pesquisador no
Centro de Pesquisa em
Educação, Formação,
Inserção; responsável pela
multimídia dessa
universidade, pesquisa há
10 anos analisando a
evolução dos dispositivos
de ensino mediados e as
transformações das práticas
de ensino nesta área.

A obra organizada por Séraphin Alava³ resulta de um trabalho coletivo de pesquisadores de diferentes universidades francesas, que se comunicavam e se encontraram no Seminário da Rede de Educação e Formação em Toulouse (REF- França - 1998).

A obra está organizada em três partes com onze capítulos, discutindo a emergência de tecnologias avançadas de comunicação e de informação aplicadas às práticas de ensino e aprendizagem na perspectiva do ciberespaço e das práticas de autoformação, em convívio paradoxal com a legitimação de uma política educacional liberal e econômica, que por sua vez, impõe a todos o dever de autoformar-se.

A possibilidade de superação desse paradoxo encontra na inovação, na inversão da lógica que institui a legitimidade da autoformação como dever, a emergência de novos dispositivos de formação abertos em diversos setores educacionais; ou, gerada no interior dos estabelecimentos escolares retomando-se idéias como a de trabalho colaborativo, de autonomia dos aprendizes e métodos ativos.

Assim, o ciberespaço é concebido e estruturado de modo a ser, antes de tudo, um espaço social de comunicação e de trabalho em grupo. Portanto, o saber já não é mais o produto pré-construído e “mediaticamente” difundido, mas o resultado de um trabalho de construção individual ou coletivo a partir de informações ou de situações mediaticamente concebidas para oferecer ao aluno ou ao estudante oportunidades de mediação. (Alava, 2002:14).

Neste contexto, a autoformação pode ser considerada em quatro modalidades: *Prática Didática Autônoma*; *Pedagogia Individualizada*; *Co-formação por meio da Troca*; *Aprendizagem Autodirigida*; como dispositivos que adentram o debate dos pesquisadores e servem como pistas das pesquisas interdisciplinares que vêm sendo realizadas pelo grupo, ancoradas teoricamente em diferentes ciências (informação; sociologia dos usos; psicologia cognitiva; educação; debate social e filosófico).

A discussão realizada na primeira parte do livro aborda os desafios e conceitos de *Ciberespaço e Comunicação Midiatizada*; três capítulos compõem esta discussão.

No primeiro capítulo, Daniel Peraya considera *O Ciberespaço: um Dispositivo de Comunicação e de Formação Midiatizada*. Nesta proposta, comunicação midiatizada (dispositivo tecnológico), midiatização (conteúdo) e mediação (relação) distinguem-se conceitualmente, entretanto, complementam-se enquanto processos, dispositivos midiáticos. O autor considera ainda, que o desenvolvimento do uso pedagógico de dispositivos midiáticos e do ciberespaço em particular interage de diferentes formas, graus e lógicas, entre os universos: técnico, semiótico e social ou relacional.

No segundo capítulo, *Ciberespaço e Práticas de Formação: das Ilusões aos Usos dos Professores*, Séraphin Alava, ao questionar a visão antagônica do papel do professor enquanto assistente e do papel dos aprendizes perdidos na massa de informações, propõe um modelo de análise das situações de formação (ensino/aprendizagem) midiatizadas que tenha como fonte uma concepção do comportamento dos atores em situação didática.

Paul Bouchard em, *Autonomia e Distância Transacional na Formação a Distância* apresenta uma pesquisa de prática transacional de formação a distância (ou telemática). Dentre as possibilidades e limitações encontradas em sua pesquisa, o autor nos remete a considerar que a infra-estrutura e organização institucional são elementos fundamentais na viabilização de um processo autoformador.

Na segunda parte do livro, *Dispositivos Midiatizados, Alavancas de Autoformação: Conceitos e Práticas*, quatro investigações ilustram que a situação prática dos dispositivos midiatizados demandam maior acompanhamento e mediação da conduta de autoformação. *Como Compreender os Novos Dispositivos de Formação?* (Capítulo quatro)

Bernadette Charlier analisa dois dispositivos de formação a partir do estudo de dois casos. O primeiro caso refere-se a uma autoformação assistida em um centro de recursos a uma autoformação assistida a distância; e, o segundo caso investiga uma rede de suporte à aprendizagem colaborativa para a formação de professores. Para a autora, este estudo propicia a compreensão que os novos dispositivos de formação constituem um ponto de partida para análises das experiências de aprendizagem.

No capítulo cinco, Jean Loisel utiliza *A Exploração da Multimídia e da Rede Internet para Favorecer a Autonomia dos Estudantes Universitários na Aprendizagem*. Segundo o autor, “o essencial da conduta educativa não se situa, portanto, do lado da transmissão de informação, mas do lado da construção de sentido com os aprendizes” (Loiselle, 2002:109).

O Sistema Educativo Rejeitará a Internet? ou as Condições para uma Boa Integração das Mídias nos Dispositivos - O questionamento/reflexão de Pierre Landry no capítulo seis situa a discussão em uma complexidade social de incertezas, na qual considera-se que o ciberespaço permite criar dispositivos de aprendizagem, possibilitando a diversidade de situações de aprendizagem.

A autora Louise Marchand, no capítulo sete, reflete sobre conceitos e uma prática de ensino telemático universitário através de *Características e Problemáticas Específicas: A Formação Universitária pela Videoconferência*. Esta investigação realiza-se a partir do trabalho do grupo GRAVTI (Groupe de recherche sur l'apprentissage à vie et les technologies de l'information)⁴, junto a professores universitários. A mudança do paradigma do saber está ligada à transformação da relação com o saber, em que o ciberespaço pode expressar uma outra realidade na qual o professor não é mais a fonte exclusiva do saber.

A terceira parte do livro colabora para uma reflexão avaliativa das experiências no Ciberespaço sob o título, *Dos Dispositivos aos Usos: Evolução do Papel dos Atores*. Um Dispositivo de Aprendizagem a Distância Baseado na Partilha de Conhecimentos Neste capítulo, Christian Depover e colaboradores ampliam a discussão metodológica do Ciberespaço, questionando o modelo pedagógico de referência para atuação neste espaço, considerando que:

um sistema baseado na partilha de conhecimentos não exclui o aparecimento de uma certa especialização dos agentes, mas esta decorrerá mais das oportunidades criadas pelo contexto de aprendizagem do que de uma visão a priori de funções (Depover, 2002:157).

Em *Os Professores Face à Internet: Resultados e Perspectivas de uma Pesquisa de Campo*, Serge Pouts-Lajus relata parte de um estudo realizado por uma equipe de pesquisadores e observadores franceses (financiado pela UNESCO) para verificar o uso de microcomputadores conectados a redes públicas de acesso ou centros multimídia.

Distâncias e Distanciamentos em uma Infovia Africana: O Exemplo da RESAFAD refere-se a uma pesquisa-ação realizada por Jacques Wallet e outros pesquisadores na Rede Africana de Formação a Distância (RESAFAD), com apoio do INRIA⁵, apresentando que a falsa proximidade existente no Ciberespaço pode obscurecer as competências locais em emergência nas universidades, necessitando de investimento nos conteúdos de formação e gestão do dispositivo nos estabelecimentos africanos.

No último capítulo, *Ler a Internet: Abordagem Documental do Ciberespaço*, Séraphin Alava busca um aprofundamento de questões sobre as práticas de leitura realizadas através da Internet, compartilhando “a especificidade da aventura documental no coração do ciberespaço” (2002:204).

Com o texto final, *Do Técnico ao Social, do Social ao Pedagógico*, Séraphin Alava contribui com a possibilidade de caracterizar esta produção como um Ciberespaço. Este espaço também permite uma interação ampla com os questionamentos, discussões e reflexões contemplados no texto.

⁴ N. de T. Grupo de pesquisa sobre a aprendizagem permanente e as tecnologias da informação. (Ibidem)

⁵ Esta rede conta com o apoio interuniversitário do Institut National de la Recherche en Informatique et en Automatique (França) - Instituto Nacional da Pesquisa em Informática e em Automação (Trad. Fátima Murad).

Caracterizo esta discussão como Ciberespaço porque para que a leitura dessa obra se realize, parece-me necessária, uma compreensão básica da linguagem específica da discussão neste campo: mídia, mediação, ciberespaço, tecnologia, telemática.

Cada via de discussão do livro acaba eclodindo em alguns aspectos formando uma certa “unicidade pedagógica”: professores, alunos, disciplina, problemas a resolver... que, por vezes, ganham novas denominações como tutores, aprendentes, autonomia; mas, os problemas continuam por se resolver (resistência, mudança de atitude, comprometimento).

Entretanto, os problemas a resolver podem representar o próprio processo de evolução do acesso e da crítica frente ao Ciberespaço. Assim, objetivando que o Ciberespaço se efetive enquanto espaço de produção compartilhada, de práticas mais coletivas e mais autônomas, os autores evidenciam uma relação triádica que pode favorecer a constituição da utilização das tecnologias a serviço dos projetos de formação, compreendendo que:

- Inovar é transformar, e a inovação necessita de um acompanhamento eficaz para a recontextualização dos envolvidos no processo.
- Ensinar é comunicar, repensando-se a formação profissional e examinando-se as inter-relações entre a abordagem comunicacional e a teorização didática (Peraya, Alava).
- Aprender é colaborar, contemplando-se a dimensão coletiva de um processo de ensino-aprendizagem, em procedimentos de trabalho colaborativos ou em “co-formação” (Charlier).